

## Anais da 21ª Jornada de Medicina Veterinária



## LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA - REVISÃO DE LITERATURA

## Autor(res)

Douglas Evandro Dos Santos Beatriz Adami De Barros Ferreira Julia De Castro Alves Guimaraes Laura Emanuelle Oliveira Da Cruz Borges Eduarda Medeiros Magossi Cristina De Siqueira Cavalcanti

## Categoria do Trabalho

1

### Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIME

## Introdução

A leishmaniose visceral canina é uma patologia de caráter zoonótico, causada pelo protozoário da Leishmania spp, que possui inúmeros reservatórios, acometendo desde animais silvestres até animais domésticos e o homem. Atualmente, o cão é considerado o principal reservatório da doença, influenciando diretamente no ciclo de transmissão que no Brasil ocorre através da picada de flebotomíneos do gênero Lutzomyia e da espécie Lutzomyia Longipalpis, conhecido vulgarmente como mosquito-palha (COSTA, 2011).

No quesito de manifestações clínicas, os problemas relacionados à pele são prevalentes em 90% dos casos em cães, se caracterizando através da hiperqueratose, pelagem seca e fraca, queda dos pelos e unhas fracas ou longas. Esses animais podem apresentar também perda de peso, injúria renal, sede excessiva e vômitos, dentre muitos outros sinais (TILLEY E SMITH JR.,2008).

### Objetivo

Desta forma, o principal objetivo deste trabalho é fornecer informações e elucidar os princípios fundamentais sobre a leishmaniose visceral canina, ressaltando assim a importância clínica da doença e do estabelecimento de medidas públicas de prevenção, sendo fundamental para manutenção da saúde pública.

## Material e Métodos

Para este trabalho, foram pesquisados, analisados e comparados artigos científicos, livros, revisões de literatura e relatos de caso. O presente estudo foi desenvolvido em Lauro de Freitas - Bahia, em outubro de 2024.

### Resultados e Discussão



# Anais da 21ª Jornada de Medicina Veterinária



Os cães são considerados o principal reservatório da leishmaniose, uma doença transmitida pelo flebótomo Lutzomyia longipalpis. A leishmania, ao ser inoculada no hospedeiro, invade macrófagos e se multiplica, podendo se espalhar para outros órgãos, como fígado, baço e medula óssea, resultando em infecções crônicas. A resposta imunológica do hospedeiro determina o curso da doença. Cães com infecção crônica podem exibir sintomas graves e fatais ou serem assintomáticos, com resistência à infecção. Além da transmissão pela picada do vetor, há registros de transmissão vertical (transplacentária) e venérea em cães. Em cadelas infectadas, a infecção pode ser passada aos filhotes, independentemente de a mãe ser sintomática As manifestações clínicas da LVC variam conforme a resposta imunológica do cão e a cepa do parasita transmitido pela picada do inseto. Desta forma, os primeiros sinais incluem febre intermitente, emagrecimento, caquexia, hepatoesplenomegalia, anemia e linfadenopatia generalizada.

Entre as alterações cutâneas mais comuns estão úlceras, alopecia multifocal, crostas nas orelhas, focinho e região periorbital, e descamação. A presença de onicogrifose (crescimento anormal das unhas) é um sinal patognomônico da doença. As citologias

de pele, especialmente da orelha, podem mostrar as formas amastigotas do parasita.

A função renal frequentemente é prejudicada devido à glomerulonefrite membranoproliferativa, causada pela deposição de imunocomplexos nos glomérulos. Lesões oculares também são comuns, como ceratoconjuntivite, blefarite e inflamações no trato uveal, resultantes do acúmulo de imunocomplexos.

Em casos mais graves, há envolvimento neurológico, com inflamação crônica das meninges, levando a sintomas como mioclonias, convulsões, nistagmo, tremores, e até paralisia. No trato gastrointestinal, a doença pode causar diarreia crônica, melena e colite ulcerativa.

O tratamento da Leishmaniose Visceral Canina (LVC) foi proibido no Brasil em 2008 pelo Ministério da Saúde e o Conselho Federal de Medicina Veterinária, devido ao risco de os cães tratados continuarem como fontes de infecção para o mosquito transmissor, sendo assim após o diagnóstico o cão deveria ser sacrificado em razão sanitária. Atualmente, o tratamento é permitido com uso de algumas medicações como Alopurinol, Milteforan e Domperidona, além de boa alimentação e o uso de coleiras e repelentes que fazem a prevenção contra picadas de mosquitos, diminuindo assim o risco exponencial de transmissão.

O diagnóstico da leishmaniose canina é desafiador, pois seus sintomas podem se confundir com outras doenças. Exames complementares, como PCR e sorologia, são usados, mas o método mais confiável ainda é o isolamento direto do parasita. Cães podem demorar até 12 meses para manifestar sintomas clínicos, e em casos experimentais, até 25 meses.

Quanto ao caráter zoonótico da doença, a transmissão ocorre para humanos através da picada de um mosquito após fazer repasto sanguíneo em um animal infectado. Após a picada do vetor ocorre a inoculação de formas promastigotas do parasita na pele. Essas formas são fagocitadas pelos macrófagos, onde se transformam em amastigotas e começam a se multiplicar, levando à disseminação pelo corpo e ao



## Anais da 21ª Jornada de Medicina Veterinária



desenvolvimento da leishmaniose visceral, que afeta principalmente o fígado, baço e medula óssea.

A Leishmaniose Visceral Canina (LVC) e Humana (LVH) são grandes desafios de saúde pública no Brasil, com aumento de casos em todo o país nas últimas três décadas. A política de eutanásia de cães infectados, adotada pelo Ministério da Saúde, tem sido ineficaz no controle da doença, gerando resistência da sociedade, pois muitos tutores se recusam a entregar seus animais, que possuem alto valor afetivo.

O processo de urbanização desordenada e seus problemas socioeconômicos agravam a situação. É necessário que o governo invista em inquéritos sorológicos caninos para identificar regiões endêmicas e adote novas estratégias de prevenção e controle, com abordagens multimodais mais eficazes. Estudos recentes apontam para o possível envolvimento de ectoparasitas, como pulgas e carrapatos, na transmissão da LVC, mas ainda não há provas definitivas sobre a capacidade desses vetores de infectar novos hospedeiros.

O papel dos gatos como possíveis reservatórios alternativos da leishmaniose também está em investigação, mas é inconclusivo. Gatos parecem ser mais resistentes à infecção, embora estejam subdiagnosticados em áreas endêmicas. A doença também afeta o timo dos cães, comprometendo o sistema imunológico.

Novos métodos diagnósticos, como a análise de líquido sinovial, têm sido explorados como ferramentas rápidas e acessíveis para confirmar a LVC, especialmente em casos graves. A terapia é inacessível para a maioria dos tutores, por ter um custo elevado, sendo necessário novos tratamentos e vacinas. Enquanto houver um crescente número de cães infectados sem o devido tratamento, a leishmaniose continuará de forma persistente para a população.

#### Conclusão

A leishmaniose é uma doença preocupante para a saúde pública, visto ser uma doença de caráter zoonótico com manifestações graves. É de suma importância que haja pesquisas e estudos científicos sobre essa doença, a fim de que haja avanços no diagnóstico e tratamento para a patologia, de forma que diminua sua incidência.

## Referências

FERNANDES, M. A. da C. Leishmaniose Canina. 2024. Mestrado Integrado em Medicina Veterinária Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia, Évora, Portugal, 2024.

FERREIRA, S. A, et al. Medvep Dermato - Revista de Educação Continuada em Dermatologia e Alergologia Veterinária; 2014; 3(10); 1-637.

FREITAS, A. L., et al. Leishmaniose visceral canina: Revisão. Pubvet, [S. I.], v. 16, n. 10, 2022. DOI: 10.31533/pubvet.v16n10a1245.1-20. Disponível em:

https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/2935.. Acesso em: 13 out. 2024.